



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

ALCOOLISMO FEMININO POR MULHERES DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

Andressa Mendes da Silva Dias
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: andressamendes90@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este resumo expandido objetiva analisar aspectos do alcoolismo feminino evidenciados pelas memórias e representações sociais de mulheres participantes de grupo de Alcoólicos Anônimos (AA) durante a pesquisa de mestrado intitulada “Memória e Representações Sociais de mulheres de grupos de alcoólicos anônimos sobre uso/abuso do álcool” pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Para tanto apoiou-se no conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs ([1950] 2006) e na teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici ([2000] 2005), pois tais premissas permitiram compreender as relações das mulheres com o alcoolismo a partir de seus relatos.

METODOLOGIA

Observou-se nos estudos realizados sobre os AA e durante visitas aos grupos que o número de mulheres que participam ou participaram dos AA é bastante reduzido, assim, adotamos uma técnica chamada de “snowball sampling”, conhecida no Brasil pela sua tradução “amostragem em bola de neve” que foi desenvolvida para auxiliar pesquisadores a encontrarem populações que são aparentemente invisíveis para sociedade, mas que existem e estão “escondidas”, desta forma, conseguimos localizar as mulheres e realizamos entrevistas semiestruturadas com seis delas. Neste resumo, traz-se para a discussão um recorte da pesquisa e as falas de algumas dessas mulheres participantes do AA, as quais atribuímos nomes de flores, a fim de conservar seu anonimato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar as memórias e representações sociais das mulheres participantes dos grupos de Alcoólicos Anônimos, foi possível identificar aspectos, em seus relatos, que



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

caracterizam o beber feminino. Estes estão, muito vezes, voltados a relacionamentos conjugais e familiares.

Duas das mulheres entrevistadas demonstraram ter passado por decepções que, possivelmente, desencadearam a dependência do álcool. Violeta, por exemplo, a decepção está direcionada ao relacionamento com o parceiro, pelo fato de o marido ter quebrado com o pacto de fidelidade, deixando-a sozinha em casa para ficar com outra mulher.

Para Violeta, esse sofrimento causado por abandonos durante a noite afetou seu estado emocional, a ponto de começar a fazer ingestão do álcool para conseguir dormir. Neste caso, pode-se dizer que o parceiro de Violeta exercia sobre ela uma violência psicológica, que segundo Cunha (2007, p. 101) “é uma das formas mais comuns e mais causadoras de danos irreparáveis, pois ela não acontece apenas no ambiente doméstico”. Além disso, “[...] é de mais difícil reconhecimento, na medida que não deixa marcas visíveis no corpo da vítima” (CUNHA, 2007, p. 101). Na situação de Violeta, a consequência da violência psicológica foi o desenvolvimento da dependência do álcool.

O meu marido arrumou outra mulher e aí me desgostou muito. Aí eu comecei a tomar uma dose, as vezes de noite pra dormir. As vezes ele saía e eu não conseguia dormir, pensando. Aí eu bebia uma dose e pronto, dormia. Aí uma dose não fazia efeito, eu comecei a beber duas, três, quatro... e aí cheguei um ponto, que quando eu acordei... eu, as vezes, bebia até um litro por dia. (VIOLETA).

De acordo com César (2005) a violência pode sim desenvolver o alcoolismo. Em suas palavras:

Observamos que o beber feminino está atravessado por essas relações e interações sociais onde as relações de gênero estão muito presentes. Particularmente observamos uma questão grave que é a relação do beber feminino com a violência. Não da perspectiva (não menos significativa) onde o alcoolismo provoca a violência, mas sim, onde a violência pode contribuir para gerar alcoolismo. (CÉSAR, 2005, p. 99)

Guimarães (2010, p. 26) destaca que alguns dos motivos que levam as mulheres a beber estão relacionados a “fatos negativos e traumáticos na vida como morte, privação econômica e doenças”.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Para Rosa, a decepção, está tanto relacionada ao fato de ter sido abandonada pelo pai de sua filha, quanto pelo sofrimento de ter perdido seu pai e sua mãe em pouco tempo. Isso a desestabilizou, pois recaía sobre si a responsabilidade de cuidar de suas irmãs mais novas e ainda de criar sua filha.

Eu tive minha filha, o pai não assumiu. Quando minha filha tinha... quando eu estava grávida de cinco meses minha mãe morreu. Quando minha filha tinha dois meses, meu pai morreu. Duas mortes em sete meses. Minha filha estava com dois meses, eu fiquei com uma irmã de dez anos, uma de oito para mim criar. Eu não sabia nem o que fazer, quer dizer, nenhum trabalho eu tinha. Tinha eu e meu irmão, lá na frente eu vou lhe dizer sobre ele. E... e agora o que fazer? Então, eu achava que bebendo, pelo menos eu estava conseguindo organizar a vida. (ROSA).

No caso de Violeta, após tornar-se dependente da bebida alcoólica, o seu comportamento, incluindo as suas responsabilidades com a casa e com o cuidado com os filhos foram deixando de ser cumpridas. Este foi um dos fatores que a afetou muito, pois repetiu por várias vezes durante a entrevista.

Aí depois do álcool mudou. E como mudou! Tudo era briga. Às vezes, as responsabilidades, mesmo, com os filhos. Uma responsabilidade, já... de uma mãe, que como é que uma mãe... mandando filho comprar bebida alcoólica? Então, as vezes eu falava: “você vai, pega um batom garoto”. Outro... várias vezes, pra você ver a responsabilidade da pessoa alcoólatra, quantas vezes minhas filhas iam para a escola, eu mentia que elas tinham pegado piolho na escola pra poder falar: “ó, a menina está com piolho da cabeça, eu vou mandar comprar... vai lá compra um litro de cachaça, para poder ensopar o cabelo dela, para poder matar o piolho”. Mentida. Pegava, botava um pouquinho na cabeça das meninas e o restante eu ingeria tudo. Então, é uma responsabilidade que a gente não tem. Principalmente, para uma mãe. Eu menti muito, as vezes eu inventava que eu estava doente, que eu sentia dores para poder mandar comprar a bebida, para poder... cortava tudo de remédio, colocava dentro de folha, botava de manhã cedo, de tarde já tinha bebido tudo. Então... uma vida muito sofrida. Às vezes quando eles não queriam comprar, as meninas não queriam comprar... quantas vezes eu forcei as minhas filhas irem comprar álcool para mim? Muitas vezes. Quem tem mãe que hoje é tudo mais liberal, vai para as portas dos bares, senta, bebe. Não. No meu caso, eu não bebia[...] Era só dentro de casa (VIOLETA)

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Violeta carrega sobre si esta responsabilidade construída pelo sistema patriarcal de ser dona de casa e cuidar dos filhos (SAFFIOTI, 2015). Quando esse papel não foi executado como o esperado, devido ao consumo do álcool, despertou-lhe uma frustração de não ter cumprido com suas obrigações de mãe.

Percebe-se que a todo momento as mulheres entrevistadas fazem referência a culpa que sentem por não conseguirem dar conta das obrigações domésticas e do cuidado com os filhos.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, foi possível perceber que essas mulheres viviam sob um constante enfrentamento de culpa, por não cumprirem com os papéis estabelecidos pela sociedade, como o de ser mãe, dona de casa, esposa etc. em detrimento do uso/abuso do álcool. Além dessa culpabilização, tanto por parte delas mesmas quanto das pessoas que estavam ao seu redor, enfrentavam brigas constantes na família, inclusive, algumas delas chegaram a sofrer agressões físicas. Os resultados mostram que suas trajetórias de vida perpassam por um processo de exclusão e culpa, tendo em vista os estudos (SAFFIOTI, 2015, 1995, 1994, 1987; SCOTT, 1995) que demonstram o papel ocupado pela mulher na sociedade, ainda com resquícios do patriarcado e estão permeados pelas relações de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais; Memória; Alcoolismo Feminino; Alcoólicos Anônimos.

REFERÊNCIAS

BERTONI, Luci Mara. **Se beber não dirija:** representações, juventude e publicidade de bebidas alcoólicas. Campinas: Librum, 2015.

CESAR, Beatriz. **O beber feminino:** a marca social do gênero feminino no alcoolismo em mulheres. Dissertação de mestrado apresentada a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - Fundação Oswaldo Cruz, 2002

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O preço do silêncio:** mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista: UESB, 2007.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

GUIMARÃES, Ana Beatriz Pedriali. **Um passado que vive: transmissão familiar do alcoolismo feminino.** Curitiba: Rosa Nigra, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** 11^a ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de Gênero: Poder e Impotência.** Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

_____. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

_____. Posfácio: conceituando gênero. IN: SAFFIOTI, Heleieth; MUÑOS-VARGAS Monica. (Org.). **Mulher brasileira é assim.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade,** Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO